

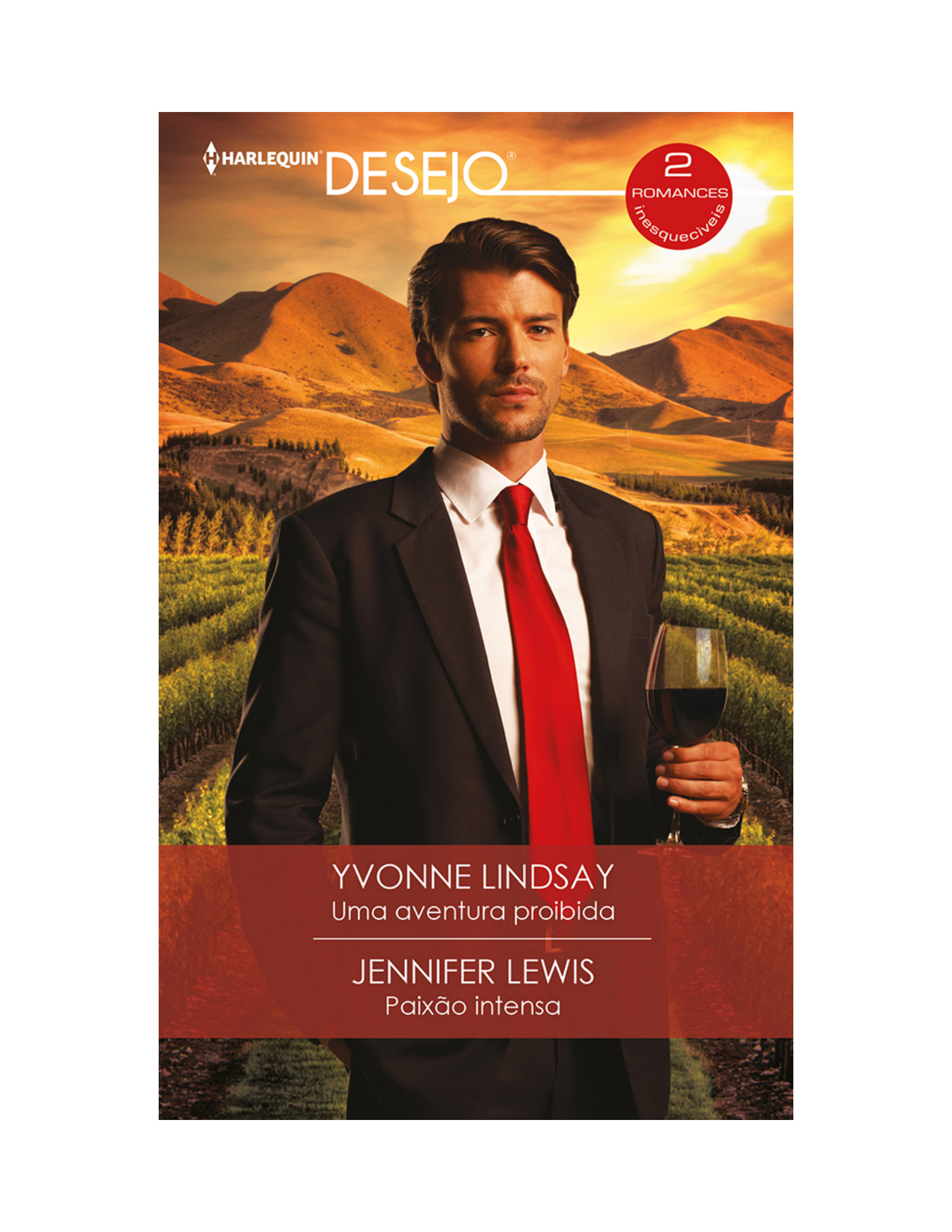
 HARLEQUIN® **DESEJO**®

2
ROMANCES
inesquecíveis



YVONNE LINDSAY
Uma aventura proibida

JENNIFER LEWIS
Paixão intensa

The background of the cover is a photograph of a man in a dark suit and red tie, holding a glass of red wine. He is standing in a vineyard with rolling hills in the background under a warm, golden sunset sky. The Harlequin logo is in the top left, and a red circular badge with the number 2 is in the top right.

 HARLEQUIN®

DESEJO®

2
ROMANCES
Inesquecíveis

YVONNE LINDSAY
Uma aventura proibida

JENNIFER LEWIS
Paixão intensa

Editados por HARLEQUIN IBÉRICA, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins
Ibérica, S.A.
N.º 65 - junho 2021

© 2012 Dolce Vita Trust
Uma aventura proibida
Título original: A Forbidden Affair
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2012 Jennifer Lewis
Paixão intensa
Título original: The Deeper the Passion...
Publicada originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2013

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em
vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta
edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books
S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e
situações são produto da imaginação do autor ou são
utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com
pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios
(comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Harlequin Desejo e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e TM são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1375-468-0

Table of Content

Créditos

Uma aventura proibida

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Paixão intensa

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Epílogo

Volta

DESEJO[®]

YVONNE LINDSAY

Uma aventura proibida



Capítulo Um

As mãos de Nicole tremiam descontroladamente ao tentar enfiar a chave na ignição. O porta-chaves voltou a cair-lhe e, depois de o apanhar do chão do seu Mercedes Benz, deu-se por vencida.

Saiu do carro, bateu com a porta e tirou o telemóvel da mala. Ainda bem que não se tinha esquecido dele em cima do móvel da entrada ao abandonar aiosamente o jantar de família. Dava assim por concluída, em definitivo, a sua presença em todos os futuros jantares de família.

Chamou um táxi. Tremia enquanto esperava que chegasse. Ficou contente por não ter tido tempo de despir o fato saia-casaco de lã quando chegou casa depois do trabalho. Aquela noite de outono estava um gelo.

O seu pai tinha-lhe pedido que se vestisse de forma elegante para o jantar, mas pensou que ele não se importaria que ela tivesse ficado a trabalhar no escritório em vez de ter ido a correr a casa para mudar de roupa. Afinal de contas, se havia alguém que deveria compreender a dedicação do seu tempo e energia à Wilson Wines, essa pessoa deveria ser, sem dúvida, Charles Wilson, fundador e presidente da empresa. O pai tinha dedicado a vida àquela empresa e ela pretendia seguir-lhe os passos.

Até àquela noite.

A fúria voltou a invadi-la. Como era possível que se tivesse atrevido a menosprezá-la daquela maneira, para mais na presença de um desconhecido, ainda que fosse o seu irmão Judd que tinha perdido de vista há muito tempo? Vinte e cinco anos após o divórcio dos seus pais, que acabou por dividir a família em duas, que direito tinha Judd

de voltar a aparecer para reclamar o lugar que era dela? Tentou acalmar-se. Não podia confiar em mais ninguém exceto em si mesma.

Até Anna, a sua melhor amiga, tinha mostrado o seu verdadeiro rosto quando, na semana anterior, tinha voltado da Austrália para a Nova Zelândia na companhia de Judd. Tentou convencer Nicole de que se tinha limitado a cumprir as ordens de Charles no sentido de procurar Judd e trazê-lo de volta para tentar uma reconciliação. Nicole ficou a perceber para quem pendia a lealdade de Anna e não era certamente para ela. Se não fosse assim, ter-lhe-ia contado os planos de Charles.

O telemóvel começou a tocar insistentemente dentro da mala.

- Onde estás, Nicole? Estás bem?

Era Anna.

- Sim, estou bem - respondeu Nicole com uma voz cortante.

- Estás aborrecida. Noto-o na tua voz. Lamento o que aconteceu, mas...

- O que aconteceu, Anna? Então é a tua viagem à Austrália? E o trazes o meu irmão de volta, após vinte e cinco anos, para ele me roubar tudo o que é meu? Pensei que éramos amigas, que éramos como irmãs.

- Eu não te podia contar os planos do Charles. Acredita em mim, por favor. Tive que lhe prometer que guardaria segredo. Tu sabes o quanto lhe devo. Sem o seu apoio, a minha mãe e eu...

- Sem o seu apoio? - Nicole fechou os olhos para que não se lhe caíssem as lágrimas. - E eu, não conto com o teu?

- Sabes que eu sempre te apoiei, Nic.

- A sério? Então, por que não me disseste que o meu próprio pai ia subornar o Judd oferecendo-lhe a minha casa e a empresa?

- É apenas metade dela.

- Sim, mas vão para ele as ações que lhe permitem assumir o controlo, o que é o mesmo que lhe dar toda a empresa.

O choque que teve quando o pai anunciou a decisão fora terrível. E foi ainda pior com os seus argumentos para justificar a decisão: «Vais ver que vais encontrar um homem», disse-lhe, «por quem te vais apaixonar e, antes que dê por isso, estarás casada e com uma família. A Wilson Wines passará a ser apenas um passatempo para ti».

O seu pai reduzira os seus anos de trabalho, dedicação e compromisso na empresa a uma espécie de entretenimento. Nicole sentiu que o sangue lhe fervia nas veias.

- O meu pai deixou bastante claro qual é a minha posição e, ao apoiá-lo, tu deixaste bem claro de que lado estás.

Anne respondeu-lhe com calma.

- Tive de enfrentar um dilema intransponível, Nic. Implorei-lhe para que te contasse ou que pelo menos te dissesse que o Judd ia voltar.

- Pois parece que não lhe imploraste o suficiente. Ou talvez mo pudesses ter dito tu, talvez me pudesses ter ligado ou enviado um *email*. Tu sabias quais eram as implicações que isto ia ter para mim, o quanto me iria prejudicar. E não fizeste nada.

- Lamento muito, Nic. Se tivesse que voltar a fazê-lo, agiria de outra maneira.

- O problema, Anna, é que neste momento eu não sei nada. Tudo aquilo por que me esforcei, tudo aquilo a que dediquei a minha vida acaba de ser dado de mão beijada a um homem que nem sequer conheço. Nem sequer sei se continuo a ter casa, já que o meu pai entregou a escritura ao Judd. Já te perguntaste o que é que irias sentir se estivesses no meu lugar?

As luzes de um carro ao longe anunciaram a chegada do táxi.

- Tenho que desligar. Preciso de refletir.

- Vamos falar disto cara a cara, Nicole.

- Não - respondeu, enquanto o táxi parava à sua frente. - Já disse tudo o que tinha a dizer. Não me voltes a ligar.

Desligou a chamada e logo de seguida o telemóvel antes de o meter na mala.

- Viaduct Basin - disse ao taxista, enquanto entrava no carro. Esperava conseguir distrair-se um pouco com a animação dos bares e discotecas do centro de Auckland. Retocou a maquilhagem o melhor que conseguiu. Estava farta que os seus pouco frequentes aborrecimentos acabassem sempre em lágrimas.

Recostou-se no assento e tentou esquecer as palavras do pai e o seu tom de ligeira superioridade que parecia indicar que a raiva lhe iria passar rapidamente.

- Só por cima do meu cadáver.

- O que disse, menina? - perguntou-lhe o taxista.

- Nada, desculpe. Estou a falar sozinha.

Tentou conter as lágrimas que voltavam a surgir-lhe nos olhos. O seu pai deitara por terra, de forma definitiva, a relação entre ambos, arrasara a confiança que existia entre ela e Anna e destruíra a possibilidade de que entre ela e Judd se estabelecesse alguma proximidade. Deixara de poder confiar em alguém da família: nem no pai, nem no irmão, nem na irmã e nem na própria mãe, que não via desde que tinha levado Judd para a Austrália, onde tinha nascido, quando ele tinha seis anos e Nicole um.

Há muito tempo que se tinha convencido de que não precisava da sua mãe. O pai tinha sido tudo para ela. Mas muito cedo percebeu que não podia compensar a perda da esposa e do filho. Por isso esforçou-se ao máximo para ser uma aluna excelente na esperança de que o seu pai se sentisse orgulhoso dela. Quando percebeu o que realmente importava ao pai, a sua única ambição passou a ser gerir a Wilson Wines.

Com o regresso de Judd, era como se ela não existisse.

Mas não podia deixar-se levar pela atitude do pai. Quando lhe passasse a fúria, logo lhe ocorreria uma forma de solucionar as coisas. Para já, a sua intenção era divertir-se.

Saiu do táxi, soltou o cabelo que trazia preso num rabo-de-cavalo, soltou o primeiro botão do casaco, deixando à vista um sutiã de renda, e dirigiu-se para o primeiro bar que encontrou.

Nate estava apoiado no balcão olhando com desinteresse para quem estava na pista de dança. Estava ali para agradar a Raoul. Ir à despedida de solteiro do seu amigo era como uma pequena recompensa por o seu trabalho na Jackson Importers ter permitido que a empresa seguisse em frente depois da repentina morte do pai de Nate no ano anterior. Ficara muito aliviado depois de Raoul se ter disponibilizado para tomar conta dos negócios até ele voltar à Nova Zelândia. Demorou algum tempo até encontrar alguém que o substituísse na sucursal europeia da Jackson Importers e Raoul fizera-lhe um grande favor.

De qualquer forma, estava um pouco aborrecido. Estava prestes a ir-se embora quando a viu. A mulher dançava com uma sensualidade que despertou os seus instintos masculinos mais primários. Estava vestida como se tivesse acabado de sair do escritório. Tinha o casaco meio desapertado, o suficiente para lhe adivinhar os seios. E a saia, ainda que não sendo exatamente curta, as suas longas pernas e os sapatos de saltos faziam com que o parecesse.

Sentiu uma excitação entre as pernas e, de repente, ir-se embora para casa deixou de ser uma prioridade.

Abriu caminho entre as pessoas para se aproximar. Havia algo nela que lhe parecia familiar. O seu longo cabelo movia-se de um lado para o outro ao ritmo da música e ele imaginou-o estendido sobre os lençóis da sua cama.

Aproximou-se a dançar.

- Olá, posso fazer-te companhia? - perguntou-lhe com um sorriso.

- Naturalmente - respondeu ela, enquanto afastava o cabelo do rosto e revelava uns olhos escuros onde um homem se podia perder e uns deliciosos e pecaminosos lábios pintados de vermelho.

Dançaram durante algum tempo sem se tocarem. Uma pessoa chocou com Nicole e empurrou-a contra o peito de Nate. Ele segurou-a e ela olhou para ele com um sorriso.

- És o meu salvador - disse-lhe, com um brilho malicioso nos olhos.

- Posso ser o que tu quiseses - disse ele, inclinando-se para lhe falar ao ouvido.

- O que eu quiser?

- O que tu quiseses.

- Obrigada - ela rodeou-lhe o pescoço com as mãos.

Naquele momento, a única coisa que Nate desejou foi levá-la para casa.

Não gostava de aventuras de uma noite. Gostava de ter tudo calculado, a espontaneidade não era o seu forte, sobretudo na vida privada. Sabia que tinha de ter algum cuidado com os outros até conhecer as suas verdadeiras motivações. Mas a mulher que tinha entre os braços tinha algo pelo que estava disposto a arriscar.

De repente, percebeu porque é que o seu rosto lhe era familiar. Era Nicole Wilson, a filha de Charles Wilson e o seu braço direito na Wilson Wines. Tinha visto a sua foto no dossiê que tinha pedido a Raoul sobre as empresas concorrentes e, principalmente, sobre o homem que tinha sido o melhor amigo de Thomas, o seu pai. Depois de uma briga cheia de falsas acusações, Charles Wilson tinha-se convertido no seu pior inimigo.

Na adolescência, Nate prometera-lhe que um dia se iria vingar de Charles. Thomas tinha-lhe pedido para que não o fizesse enquanto ele fosse vivo. Infelizmente o seu pai tinha morrido, pelo que já podia cumprir a promessa.

Há muito tempo que esperava pelo momento adequado para se vingar. Tinha recolhido bastante informação e definido uma estratégia. E ainda que aquele encontro não fizesse parte dos seus planos, não ia perder a oportunidade que lhe acabava de cair nos braços.

Não negava o muito que se sentia atraído por Nicole. Se não funcionasse, prosseguiria com o seu plano. Mas se corresse bem, se ela reagisse da mesma forma que ele, o seu plano de vingança iria dar uma volta muito interessante.

Nicole tinha consciência que tinha bebido demasiado e que deveria chamar um táxi para a levar a casa. Além disso, tinha de trabalhar no dia seguinte.

Ao pensar no trabalho e na casa, sentiu um nó no estômago, vindo-lhe à memória a baixa conta em que o seu pai a tinha. Antes teria bloqueado esses pensamentos saindo com uns amigos do tempo da faculdade. Agora, deixava-se levar pela evidente atração que existia entre duas pessoas jovens, saudáveis e na flor da idade.

A distância entre ela e o homem com quem dançava era praticamente inexistente. Ela roçou a parte inferior do corpo dele e sorriu.

- Vais dizer-me qual é a piada?

Ela apertou os lábios e negou com a cabeça.

- Então, vais ter uma sanção.

- Uma sanção? - ela sorriu - Queres-me castigar por eu estar contente?

- Não estava a pensar num castigo.

Em vez de se rir com o que ele lhe acabava de dizer, Nicole sentiu uma pontada de desejo.

- Em que é que estavas a pensar?

- Nisto.

Ela não teve tempo de reagir nem espaço para se mexer caso tivesse querido evitar uns lábios inesperadamente

frios e firmes nos seus.

Nicole sentiu uma espécie de descarga elétrica e tudo o que estava à sua volta desapareceu. Apenas conseguia pensar no contacto daqueles lábios e na deliciosa pressão do seu corpo quando ele lhe colocou as mãos nas ancas e a puxou para si.

Continuaram a mover-se ao ritmo da música. A pélvis de Nicole esfregava-se contra a dele, e ela, ao aperceber-se da excitação de Nate, desejou mais do que o contacto por cima da roupa.

Tentou reprimir o gemido que tentava escapar-lhe da garganta quando ele afastou os lábios.

Abriu os olhos. Com aquela luz era difícil saber de que cor eram os olhos dele, mas eram pouco comuns. O seu olhar fascinou-a. Os animais não faziam o mesmo com as suas presas? Estaria prestes a ser devorada?

- Então era essa a sanção - disse ela, com a voz rouca de desejo.

- É apenas uma entre muitas.

- Que interessante.

Tentou controlar-se para não lhe segurar no rosto e repetir a experiência. Enquanto a beijava esquecera-se de tudo: quem era, porque estava ali, do que já não era capaz de continuar a desejar...

E tinha gostado. Muito. Queria repetir.

- Eh, Nic!

Amy, uma conhecida sua, apareceu ao seu lado ao mesmo tempo que Nate a soltava.

- Vamos a outro bar. Queres vir? - gritou-lhe a amiga para que a ouvisse por cima da música.

- Não. Apanho um táxi mais tarde.

- Está bem. Foi fantástico termo-nos encontrado. A ver se nos encontramos mais vezes.

Amy foi-se embora.

- Tens a certeza de que não queres ir com os teus amigos? - perguntou-lhe Nate.

- Não, já sou maior de idade e sei tomar conta de mim mesma.

- Fantástico. Eu chamo-me Nate.

- E eu Nicole - respondeu ela enquanto começava a dançar novamente.

Distraiu-a o *flash* de uma máquina fotográfica, mas logo voltou a concentrar-se em Nate, que dançava particularmente bem. Os seus movimentos pareciam surgir de forma natural. E além do mais, era bastante bonito.

Tinha o cabelo castanho, mas não tão escuro como o dela, e um rosto masculino e elegante. E aqueles lábios... Estava disposta a aceitar tudo o que tivessem para lhe oferecer.

- Passei no exame? - perguntou ele.

Ela sorriu.

- Sim.

Ele desatou a rir. O som do seu riso era maravilhoso. Haveria algo nele que não fosse maravilhoso?

A multidão que os rodeava começava a diminuir o que levou Nicole a pensar que a noite estava a terminar. Doíam-lhe os pés depois de várias horas a dançar de saltos altos e começava a sentir os efeitos do excesso de bebida. Não tinha lá muita piada a realidade irromper depois de uma noite tão bem passada. Nate disse-lhe qualquer coisa, mas ela não percebeu por causa da música.

- O que é que disseste?

- Se queres beber alguma coisa.

Já tinha bebido demasiado, mas assentiu.

- Aqui? Ou preferes na minha casa?

Ela sentiu um arrepio de excitação. Estava a propor-lhe o que ela estava a pensar? Nunca tinha feito nada assim, ir para casa de um desconhecido sem ser na companhia de amigos. Mas, por alguma razão, pareceu-lhe que podia confiar em Nate. Também tinha curiosidade em confirmar se a energia que parecia existir entre ambos era real.

- Vamos para tua casa.

Ela sorriu.

- Fantástico - respondeu, segurando-lhe na mão.

Ela tirou da cabeça qualquer pensamento de perigo.
Naquela noite estava disposta a arriscar.

Além disso, o que é que de pior lhe poderia acontecer?

Capítulo Dois

Nate reparou que Raoul o observava enquanto ele saía com Nicole. Fez-lhe um gesto com a cabeça e o amigo piscou-lhe o olho. Mas a sua expressão mudou totalmente ao reconhecer quem ela era. Nate reprimiu um sorriso de superioridade.

Ao fim de tantos anos a planear uma forma de humilhar Charles Wilson, jamais lhe tinha passado pela cabeça que viesse a ter a sua filha nos braços e que, além disso, se sentisse bastante atraído por ela. Seria um idiota se não aproveitasse aquela oportunidade. Mas tinha de ir com cuidado e não começar a casa pelo telhado. Depois de uma bebida, poderia chamar um táxi que a levasse a casa, ainda que algo lhe dissesse que isso seria pouco provável.

Destrancou o Maserati que os esperava junto ao passeio.

- Tens um carro muito bonito - comentou ela, enquanto Nate lhe abria a porta.

- Gosto de viajar com estilo.

- E eu gosto disso num homem.

Tinha absoluta certeza disso. A ela nunca lhe tinha faltado nada na vida. Pelo contrário. Por isso, era de esperar que as suas exigências em relação aos homens fossem igualmente elevadas.

A grande diferença entre os dois é que ele sabia o quanto custava conseguir algo na vida. Durante toda a infância vira como o pai tivera que lutar. Depois de Charles Wilson o ter expulsado da empresa que tinham criado juntos, Thomas demorou anos a recuperar a credibilidade e a criar a sua própria empresa. E ainda que tivesse feito tudo para proteger o seu único filho, a experiência fora marcante

para Nate e dela tinha tirado duas regras pelas quais regia a sua vida: a primeira era que tinha de ter muito cuidado quando havia de confiar em alguém. A segunda era que na guerra e no amor vale tudo.

Nate arrancou e seguiu em direção à autoestrada do noroeste.

- Vives na zona leste?

- Sim. Tenho duas casas, mas onde moro mesmo é em Karekare. Continuas a querer ir beber um copo?

Reparou que ela engolia em seco antes de responder.

- Sim, há séculos que não vou a Karekare.

- Continua praticamente igual: belo e selvagem.

- Como tu? - perguntou-lhe ela, com os olhos brilhantes.

- Mais como tu.

Ela riu-se.

- As tuas palavras são como um bálsamo para uma alma ferida.

- Ferida?

- Coisas de família. Demasiado complicado e aborrecido para to estar a contar agora.

Nate tinha sabido do regresso do filho pródigo à casa dos Wilson. Teria o problema de Nicole alguma coisa a ver com isso?

- A viagem é longa. Estou disponível para te ouvir, se quiseres falar do assunto, naturalmente.

Ela suspirou profundamente.

- Discuti com o meu pai. Pode parecer um lugar-comum, mas ele não me compreende.

- Mas essa não costuma ser uma prerrogativa dos pais?

- Imagino que sim - reconheceu ela, rindo-se. - Mas eu sinto-me utilizada. Passei a vida a esforçar-me para estar à altura, para ser a filha perfeita, a trabalhadora perfeita... Bom, perfeita em tudo. Mas agora o meu pai decidiu que eu tenho de assentar a cabeça e ter filhos! Não me valoriza absolutamente nada. Há cinco anos que ajudo na empresa

da família e agora diz-me que é só um passatempo para mim.

- Foi por causa dessa discussão que te foste enfiar naquele bar?

- Sim, não aguentava ficar debaixo do mesmo teto que ele nem mais um segundo. De qualquer forma, a casa já não é dele e eu também perdi a minha. Deu-a ao meu querido irmão - acrescentou com desagrado. - Desculpa. É melhor mudar de assunto. Falar da minha família põe-me de mau humor.

- Os seus desejos são ordens - respondeu Nate, ainda que estivesse mortinho para saber mais detalhes sobre a situação familiar dos Wilson.

- Melhor assim. Adoro essa atitude.

- Não é a atitude que as pessoas adotam sempre contigo?

Nicole voltou-se ligeiramente no assento e olhou para ele.

- Falas como se me conhecesses.

- Não me compreendeste. Apenas acho que uma mulher como tu consegue sempre o que quer sem grandes problemas.

Ela voltou a suspirar e mudou de assunto.

- Fala-me da tua casa. Tem vista para o mar?

Ele assentiu.

- Adoro a costa oeste, as praias de areia negra, as ondas selvagens...

- Fazes surfe?

- Não, sempre tive medo. Há limites que não ultrapasso. Sou filha única e o meu pai sempre me protegeu demasiado.

- Filha única? Mas acabaste de dizer que tens um irmão.

- Ele vivia com a minha mãe até há pouco tempo. Porque é que voltámos a este assunto?

Ele olhou-a por um instante. Tinha vontade de lhe acariciar o rosto. Voltou a concentrar-se na estrada. Sim, desejava-a. E estava disposto a tê-la. Mas não podia perder o controlo.

- E tu? - perguntou ela. - Como é a tua família?

- Os meus pais já morreram. A minha mãe quando eu estava na universidade e meu pai mais recentemente. E não tenho irmãos.

- Isso quer dizer que estás completamente sozinho? Que sorte! - conteve um grito quando deu conta do que acabava de dizer. - Desculpa, não devia ter dito isto.

- Não há problema. Tenho saudades, mas estou feliz por ter partilhado a vida com eles. O meu pai foi um grande exemplo de vida para mim. Viveu por mim, literalmente, para que não me faltasse nada. Eu tentei compensá-lo e, depois de acabar a licenciatura, comecei a trabalhar na empresa familiar.

Nate não lhe deu mais detalhes de propósito. Não lhe ia contar as razões por que o seu pai tivera de trabalhar tanto durante toda a vida e quem tinha sido o grande responsável por isso.

Mudou de assunto enquanto saía da autoestrada em direção à praia.

- Que te parece irmos surfar este fim de semana?

- Este fim de semana?

- Por que não ficas? Tenho pranchas e fatos de neopreno de sobra.

- E roupa também? - apontou para a sua enorme mala. - Ainda que seja grande, não é uma mala.

Ele desatou a rir.

- Logo veremos como resolvemos isso. Confias em mim?

- Claro. Se não confiasse, não estaria aqui.

Ele estendeu a mão, pegou na dela e acariciou-lhe o pulso com o polegar.

- Então, está tudo bem.

Voltou a segurar o volante com as duas mãos. Pelo canto do olho viu que ela acariciava o pulso. Sorriu satisfeito. A noite ia ser fantástica.

Quando ficaram em silêncio, Nicole perguntou-se por que confiava nele. Como não o conhecia, só podia ser por instinto.

Disse a si mesma que merecia uma noite assim. O corpo dizia-lhe que Nate era o homem certo para esquecer todos os problemas, ao menos por uma noite.

Ainda sentia um formigueiro na pele, onde ele a tinha acariciado. Estaria a pensar fazer amor com ela? Só de pensar nisso, uma vaga de desejo percorreu-a de alto a baixo. Nunca lhe tinha acontecido nada assim com ninguém. Bastava olhar para as suas mãos no volante e para a forma como os seus longos dedos rodeavam o cabedal para desejar que estivesse sobre ela, dentro dela. Apertou as pernas com força. O simples pensamento de ele a estar a acariciar era suficiente para a levar ao rubro. Se era assim só de pensar nisso, como seria quando o fizesse?

Tossiu para desfazer o nó que se tinha formado na garganta.

- Estás bem? - perguntou Nate.

- Sim. É um longo percurso da cidade à tua casa. Trabalhas na cidade?

- Sim. Tenho lá um andar onde passo as noites em que estou demasiado cansado para conduzir até Karekare. Ainda que durma bastante melhor com os sons do mar e do bosque.

- Soa tão idílico.

- Vais poder comprová-lo por ti mesma.

Ela ficou em silêncio. E deve ter adormecido porque de repente o Maserati subiu por um caminho íngreme e entrou numa garagem bastante bem iluminada. Olhou para o relógio. Eram quase duas da manhã. Estava bem longe das pessoas que conhecia e do seu lar, mas não se inquietou. Chegara até ali por vontade própria.

- Lar, doce lar - disse Nate, enquanto lhe abria a porta do carro.

Nicole deu-lhe a mão para sair do carro e ele não a largou. Conduziu-a em direção à porta de casa e, uma vez aberta, entrou numa ampla divisão que era ao mesmo tempo sala de estar, cozinha e sala de jantar. Os móveis e a decoração eram simples mas caros.

- Continua-te a apetecer uma bebida? - perguntou Nate, enquanto lhe levava uma mão aos lábios e a beijava.

- Absolutamente. O que é que propões?

- Há champanhe no frigorífico ou podemos tomar algo mais espirituoso.

- Acho que é melhor a segunda opção.

Algo forte e que lhe subisse à cabeça. Nate soltou-a para ir ao bar e servir as bebidas. Ela aproximou-se da varanda e ouviu o ruído das ondas. Viu Nate aproximar-se com os copos refletido no vidro das portadas.

- Vamos brindar - sugeriu ele.

- A quê? - perguntou ela, enquanto pegava no copo e o erguia no ar.

- A duas almas feridas e a que saem rapidamente.

Ela assentiu e bebeu. Era uísque.

- É muito bom - disse enquanto se voltava para ele. Ficou sem fôlego ao ver o seu olhar.

- É o melhor - afirmou, aproximando-se dela.

O coração de Nicole começou a bater mais depressa. Se aquele beijo iria ser como o que deram no bar, ficaria totalmente derretida. Entreabriu os lábios, fixou o olhar naquela boca masculina. Depois, fechou os olhos quando ele pousou os lábios nos dela.

- A isto é que eu chamo realmente o melhor - disse ele.

Cingiu os lábios contra os dela, rodeou-lhe as costas com um braço e puxou-a para si. Ele já estava excitado e isso foi como um rastilho para ela. Apertou as ancas contra ele e sentiu a dureza e o tamanho da sua excitação. O seu corpo correspondeu com desejo, humidade e calor.

Os lábios e a boca de Nate sabiam a uísque. Quando ele se inclinou para trás, o seu corpo foi ao encontro do dele

como se uma força magnética a atraísse.

Nate deixou os copos numa estante próxima. Depois enfiou-lhe as mãos pelo cabelo e atraiu o rosto dela para si. Dessa vez, beijou-a com mais desejo, como se lhe fizesse uma promessa do que ia acontecer.

Nicole tirou-lhe a camisa das calças e enfiou as mãos por baixo do tecido. Arranhou-lhe suavemente a pele enquanto os seus dedos lhe percorriam a coluna vertebral. Disse a si mesma, uma última vez, que não deveria fazer aquilo. Mas o desejo venceu a lógica.

Ele desejava-a. Ela desejava-o. Era algo absolutamente básico e primário e era o que Nicole precisava naquele preciso momento.

Nate desabotoou-lhe o casaco. As suas mãos eram grandes e cálidas. Rodeou-lhe a cintura e subiu as mãos até ao sutiã.

Separou-se dos lábios de Nicole e percorreu-lhe o queixo e o pescoço com beijos. Ela sentiu que os seios se inchavam e que os mamilos endureciam ao ponto de se tornar incomodativo o toque com o cetim do sutiã.

A língua de Nate percorreu a orla do sutiã até descer pelo vale entre os seios. Ela começou a estremecer à medida que o seu coração batia de forma mais descontrolada. Sentiu a sua mão nas costas a soltar-lhe o sutiã, deixando os seus seios livres. A seguir, despiu-lhe o casaco e puxou-lhe as alças do sutiã para que caíssem. Depois atirou as peças de roupa ao chão.

Prendeu um dos seus mamilos com os dentes e lambeu-o com a língua ardente. Nicole começou a sentir que as pernas lhe fraquejavam e cingiu-se a ele, quase perdendo os sentidos pelo prazer que lhe produzia. Mal se apercebeu de que as suas mãos lhe baixavam a saia. A peça foi parar aos seus pés.

Já só tinha umas cuecas minúsculas e os sapatos de salto alto. Deveria sentir-se vulnerável quando Nate lhe

acariciou cada centímetro de pele com o olhar. Pelo contrário, sentiu-se desejada e poderosa.

- Diz-me o que queres - pediu ele.

- Quero que me acaricies.

- Onde...

Ela cingiu os seios e elevou-os ligeiramente.

- Aqui - disse com voz rouca.

- E...?

Ela desceu a mão até ao elástico das cuecas.

- Aqui - a voz tremeu-lhe ao sentir o calor e a humidade da parte mais íntima do seu corpo que ansiava pelas carícias masculinas.

- Diz-me do que é que gostas - disse ele, colocando a mão em cima da dela.

- Disto - afirmou enquanto enfiava a mão dele junto à sua por dentro do tecido.

Conduziu-lhe a mão até à abertura e cingiu-a contra a sua intimidade húmida. Depois levou-a um pouco mais acima, até ao botão que implorava por ser acariciado. Primeiro rodeou o seu ponto sensível com os seus dedos, depois com os dele, aumentando a pressão e diminuindo-a logo a seguir.

- Continua a acariciar-te - pediu-lhe, enquanto deslizava a mão um pouco mais abaixo até chegar às suaves dobras da sua pele.

Segurou-a com o outro braço para a apoiar enquanto se aproximava mais dela. Nicole sentiu o tecido das calças dele nas suas pernas nuas mas depois só se conseguiu concentrar no que ele estava a fazer. Primeiro introduziu-lhe um dedo e logo a seguir outro. Os seus músculos ficaram tensos enquanto ele os deslizava para cima e para baixo e lhe acariciava com cuidado as paredes internas.

Sentiu-se inundada por uma vaga de calor e prazer. A junção das carícias de ambos deu-lhe uma clara noção do poder e da força dele. Nunca tinha experimentado nada assim.